

Uma modelo hermenêutico de investigação

De Timóteo Carriker

A palavra, “hermenêutica”, vem da palavra grega, *hermēneúō*, que significa “interpretar” no sentido de “traduzir uma língua estrangeira”, “por em palavras”, ou explicar”. A palavra grega, por sua vez, veio no nome do deus grego, *Hermes* (“Mercúrio” em latim), que era o mensageiro dos deuses, doador de sorte, deus de todos os fazeres e estratégias secretos. Em português, a palavra, “hermenêutica”, se refere à arte ou à ciência de interpretação.

O objeto da interpretação pode ser uma mensagem escrita (como na hermenêutica bíblica) ou oral (como na tradução ou na teoria da comunicação), ou pode ser um fenômeno ou ato realizado em outra cultura (como na análise transcultural). Em todos estes casos, procura-se entender algum símbolo ou ato simbólico desconhecido.

O processo da hermenêutica, ou o processo de como nós entendemos ou interpretamos outros símbolos (mensagens, costumes, rituais ou ações), pode ser representado graficamente. Vários autores já propuseram modelos visuais do processo hermenêutico: um círculo, dois horizontes, três planos, e um espiral.

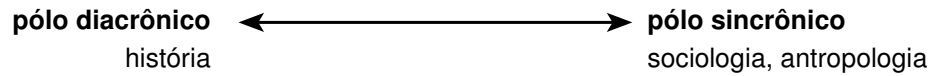
Aristotle, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, e Grant Osbourne.

Estratégias analíticas diferentes de compreender a realidade, cada vez mais institucionalizadas na academia, representam estratégias diferentes de interpretação. A seguir procuro localizar e interligar uma variedade destas estratégias numa série de eixos que podem ser cruzados num modelo tri-dimensional, e mais tarde num modelo quadri-dimensional.

Uma tipologia axial de estratégias hermenêuticas

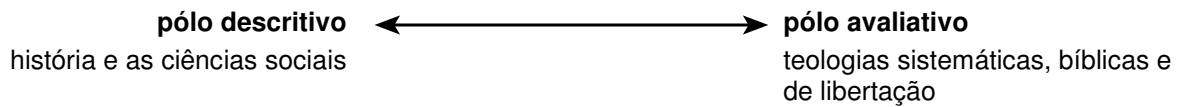
O primeiro eixo é *relacional ou causal* e se refere à maneira que um dado fenômeno é interpretado em relação ao tempo e ao espaço (veja figura 1). As relações diacrônicas ou genéticas definem um lado do eixo enquanto as relações sincrônicas ou sistêmicas definem o outro. Perspectivas históricas, inclusive o método histórico-crítico, se preocupam principalmente com as relações genéticas. Perspectivas sociológicas e antropológicas em geral e o estruturalismo especificamente se preocupam principalmente com as relações sistêmicas. Estas últimas estratégias sincrônicas tendem a enquadrar a realidade social inteira como se através duma lente de um grande ângulo duma máquina fotográfica, enquanto as estratégias diacrônicas tendem a “olhar” partes específicas desta mesma realidade como se através do telezoom duma máquina filmadora. O primeiro repara a ligação entre as partes numa dado momento enquanto o último focaliza o movimento, pensando em origem, processo, e final.

Figura 1: O eixo causal



O segundo eixo hermenêutico pode ser considerado *epistemológico*. Um pólo deste eixo é principalmente descritivo, procura objetividade e raciocínio. O outro pólo é avaliativo (“explanção interpretativa”), assume a subjetividade e a estética. A compreensão ocorre na tensão dialética entre os dois pólos. Exemplos do primeiro incluem a história, as ciências sociais em general e o estruturalismo ao extremo. Exemplos do segundo incluem a teologia bíblica e a teologia de modo geral e muitas das teorias da crítica literária. Estas últimas pressupõe mais explicitamente uma estratégia “interpretativa”, e por isso, mais hermenêutica.

Figura 2: O eixo epistemológico



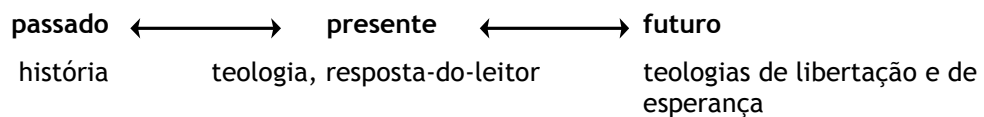
O terceiro eixo hermenêutico se preocupa pela localização do significado, ou na intenção do autor por um lado, ou na percepção pelo leitor por outro, ou dentro da mensagem em si representado pelo centro do eixo. Este é o eixo *comunicativo*. Muito da crítica histórica se preocupa pela intenção autorial, enquanto a crítica da retórica e o estruturalismo focalizam a mensagem construída. A análise do discurso e a análise resposta-do-leitor se preocupam pelo significado na percepção pelo leitor.

Figura 3: O eixo da comunicativo



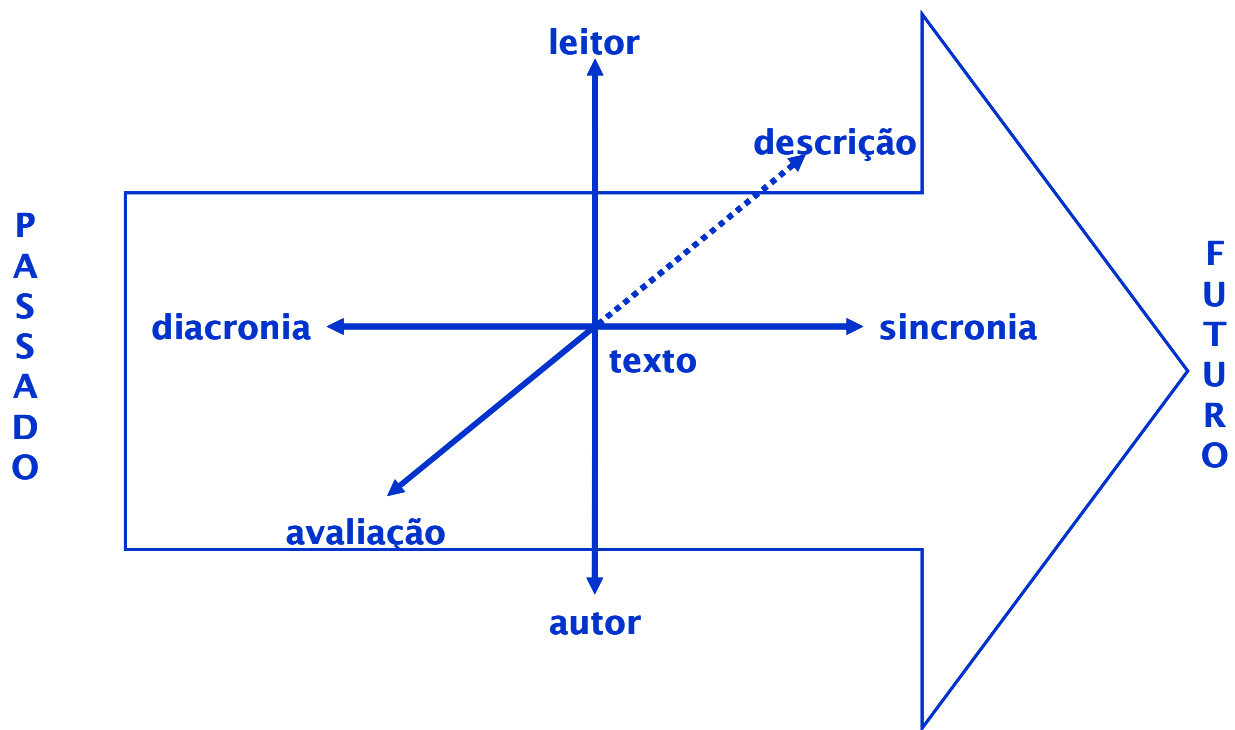
O quarto eixo reflete a orientação temporal das diversas estratégias do discurso crítico. A análise visa compreender o nosso passado, o nosso presente, ou o nosso futuro? A questão não é tanto o tempo do verbo usado no discurso quanto a compreensão ou transformação temporal que é o alvo do discurso. Por exemplo, perspectivas históricas visam compreender o passado, entretanto, às vezes, a fim de transformar o presente. Quando este último ocorre, é possível localizar a perspectiva histórica entre o pólo do eixo que representa o passado e o centro que representa o presente. Perspectivas teológicas tipicamente se discursam e se preocupam pelo presente. E enquanto teologias de libertação e de esperança frequentemente discursam e até focalizam a realidade social atual, a sua orientação essencialmente é utópica, e logo, para o futuro.

Figura 4: O eixo temporal



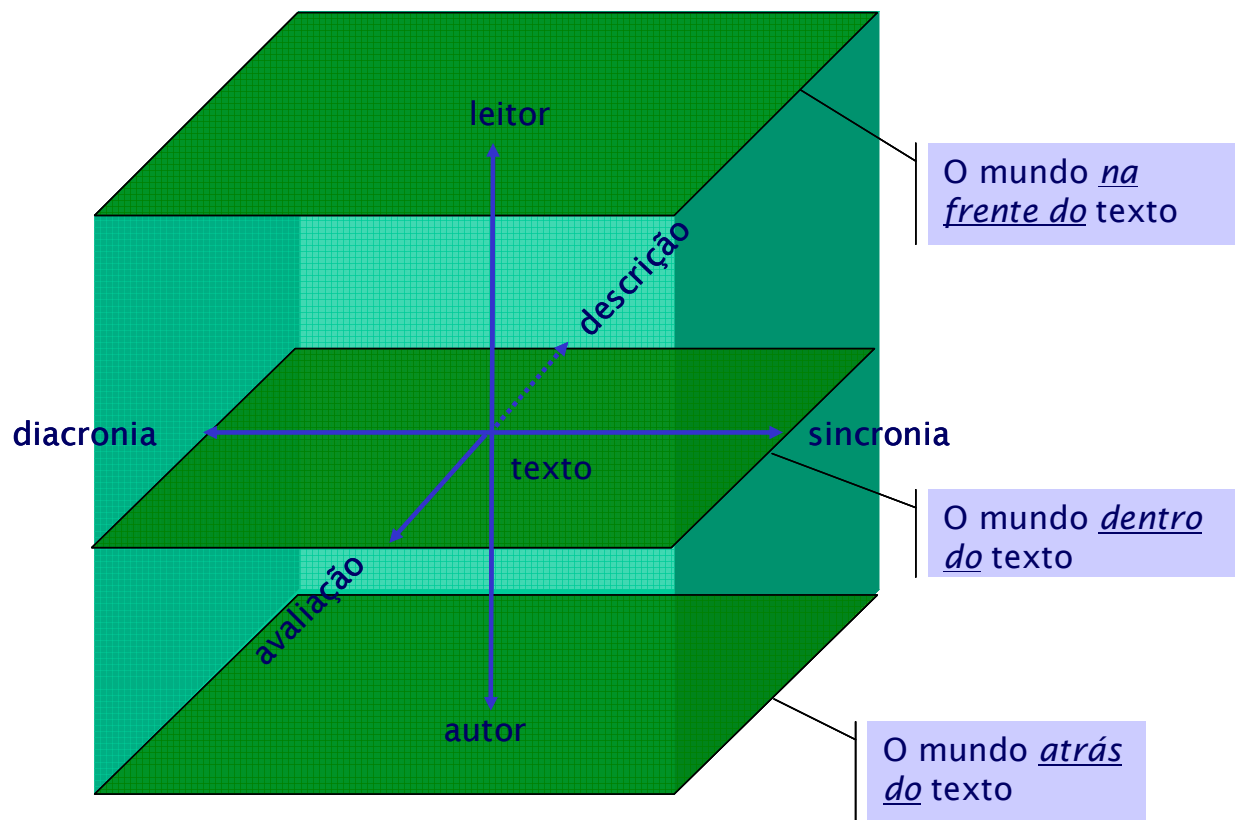
Um modelo hermenêutico

Um modelo hermenêutico integrativo surge quando cruza, primeiro, os primeiros três eixos numa grade das três dimensões espaciais, e depois, quando acrescenta o último eixo para representar a quarta dimensão do tempo. Tal modelo se serve não somente para localizar as diversas perspectivas em múltiplos eixos ao mesmo tempo, mas também sugere um processo hermenêutico missiologicamente relevante.



Algumas das perspectivas podem ser localizadas mais amplamente em tal grade, mas para simplificar, faremos uso aqui apenas de locais pontuais. Alguns exemplos se seguem: perspectivas históricas tendem para o lado dos pólos diacrônico, descritivo, e autorial. Perspectivas sociológicas tendem para os pólos sincrônico, descritivo, e autorial. Perspectivas estruturalistas são definitivamente sincrônicas, textuais e descritivas. E a perspectiva resposta-do-leitor é mais avaliativa, orientada ao leitor, mas nem definitivamente diacrônica e nem sincrônica. Perspectivas iberacionistas focalizam também o pólo do leitor, são muito avaliativas e abrangem ambas as relações diacrônicas e sincrônicas.

A seguinte figura ilustra o cruzamento das primeiras três dimensões num modelo quadricular e estabelece “planos” de interpretação conforme as teorias de Paul Ricoeur:

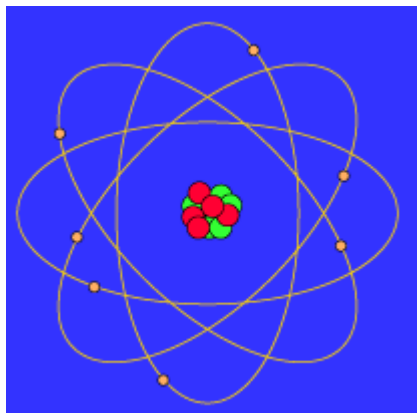


O processo hermenêutico

Esta grade ilustra e relativiza as preocupações e orientações diferentes que as diversas perspectivas demonstram. Este tipo de exercício, enquanto altamente abstrato, sugere uma certa coabitação duma variedade de perspectivas dentro dum processo integrativo hermenêutico.

O princípio fundamental deste processo é que a interpretação que contribue para a compreensão, ou de textos bíblicos antigos, ou da comunicação verbal, ou duma situação transcultural, envolve cada uma das quatro tensões dialéticas expostas acima. Lembrando da teoria hermenêutica de dois horizontes propagada por Gadamer, eu sugiro oito horizontes, estabelecidos pelos quatro eixos que se cruzam no centro, que representa o texto no caso da hermenêutica bíblica, ou a mensagem falada no caso da teoria de comunicação.

Esta tensão se ilustra de várias maneiras. Ao invés de flechas paralelas apontando em direções contrárias, sugiro um movimento circular ou na figura dum “8” ou como o movimento dum átomo. Não início nem fim neste processo. Isto não se importa para o processo. O significativo é isto: a compreensão é um processo dialético que exige o tratamento de cada um dos “horizontes”, não importa onde começa.



Educador John Atkins desenvolveu uma teoria de aprendizagem baseada na figura do hélice onde a mente humana não é capaz de assimilar simultaneamente múltiplos modos de conceituação. Ao invés disto e usando a grade acima como exemplo, pensa-se em termos diacrônicos primeiro, e depois em termos sincrônicos, ou primeiro descritivamente e depois em termos de explanação, num movimento vai e vem e no processo, progressivamente. O hélice é a analogia deste processo.